



VIII ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA
5 a 7 de agosto de 2009
Cuiabá - Mato Grosso - Brasil

AGRICULTURA FAMILIAR: DIFERENÇAS DE CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL EM RELAÇÃO À AGRICULTURA FAMILIAR DOS ESTADOS UNIDOS.

José Arilson de Souza (UFRN) - professorarilson@hotmail.com
Contador, mestrando em Administração – linha de pesquisa Agronegócio.

José Arimatéia Valadão (UFRN) *Matemático, mestrando em Administração – linha de pesquisa Agronegócio.*

Dirlei Faschinello (UFRN) *Administrador, mestrando em Administração – linha de pesquisa Agronegócio.*

Mariluce Paes de Souza (UFRN) *Professora do programa de Mestrado em Administração da Universidade Federal de Rondônia.*

José Moreira da Silva Neto (UFRN) *Professor do programa de Mestrado em Administração da Universidade Federal de Rondônia.*

Osmar Siena (UFRN) *Professor do programa de Mestrado em Administração da Universidade Federal de Rondônia*

AGRICULTURA FAMILIAR: DIFERENÇAS DE CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL EM RELAÇÃO À AGRICULTURA FAMILIAR DOS ESTADOS UNIDOS

RESUMO

A Agricultura familiar Brasileira e a Agricultura familiar Americana apresentam características que se diferenciam. O artigo em questão tem como objetivo principal apresentar as diferenças existentes entre a agricultura familiar brasileira e americana, através da revisão da literatura e estudo de caso envolvendo uma unidade familiar agrícola brasileira. O trabalho apresenta os principais conceitos sobre a agricultura, as características da agricultura brasileira e americana e um quadro comparativo onde se conclui que a validação da ausência de forma cooperativa com fins próprios para geração de condições competitivas mais favoráveis para o produtor familiar, a inexistência de um caminho que possibilite a agricultura familiar agregar valor ao seu produto, a clara distância entre a agricultura familiar brasileira e o acesso a utilização de tecnologia como elemento de melhoria da produtividade destacam-se como principais diferenças nas características entre a agricultura familiar brasileira e americana.

Palavra Chaves: Agricultura Familiar, Brasil, Estados Unidos, desenvolvimento.

ABSTRACT

The Agriculture and Family Brazilian Agriculture American family have characteristics that differ. The article in question has as main objective to present the differences between Brazilian and American family farm, through literature review and case study involving a Brazilian agricultural family. The paper presents key concepts of agriculture, the characteristics of Brazilian and American agriculture and a comparative table which concludes that the lack of validation of how cooperative with its own purposes for generation of competitive conditions more favorable to family farmers, the lack of a way that enables the family farm add value to your product, the clear distance between the Brazilian family farming and access the use of technology as part of improving productivity as there are major differences in the characteristics between the Brazilian and American family farms.

Keyword: Family Farming, Brazil, United States, development .

1 Introdução

A agricultura familiar tem potencial e deseja encontrar um espaço rural capaz de oferecer oportunidades de emprego, geração de renda, qualidade de vida, evitando assim a migração campo-cidade. Para tanto há necessidade de planos de desenvolvimento capaz de diversificar as atividades rurais, valorizar a cultura dos pequenos agricultores que já transformam produtos agropecuários (produção de doces de frutas, salames, queijos, por exemplo) e incentivar a utilização de técnicas adaptadas à realidade das pequenas agroindústrias.

Os agentes envolvidos com o desenvolvimento regional, como a comunidade local, representada pelas suas associações, cooperativas, empresários, prefeitos, governos, universidades, sindicatos entre outros, necessitam estar inseridos ativamente em um sistema produtivo estruturado, onde se busca além da eficiência das empresas envolvidas, a competitividade da região.

A análise quanto ao desenvolvimento da agricultura familiar entre os países passa a ser um indicador importante possibilitando uma avaliação das premissas que fundamentam o crescimento e de alguma forma pode servir de apoio e orientação para que possa a agricultura familiar como um todo alcançar patamares de sustentabilidade.

O objetivo deste estudo é estabelecer um paralelo entre a agricultura familiar brasileira, por meio do estudo de um caso, e a agricultura familiar americana, a partir de estudos da literatura e senso de 1997, procurando evidenciar os pontos divergentes.

A problemática que norteou o estudo foi: quais as principais diferenças de características da agricultura familiar no Brasil em relação à agricultura familiar dos Estados Unidos?

2 Agricultura familiar no Brasil

A escolha de um conceito para definir os agricultores familiares e agroindústria familiar, ou a definição de um critério, surge da necessidade de separar os estabelecimentos familiares dos patronais. Segundo definição da metodologia utilizada pela Food and Agriculture Organization das Nações Unidas (FAO) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (2000), o universo patronal pertence aos grandes produtores rurais, com extensão de terras em média no Brasil de 433 hectares (ha), e mão-de-obra

contratada de fora superior ao da familiar. Já o universo familiar tem como características a direção dos trabalhos nos estabelecimentos exercida pelo produtor.

Assim, o que se entende por agricultura familiar e/ou agricultor familiar? A todo instante surgem novas conceituações sobre o tema, e não se trata aqui de aprofundar nesta questão, contudo torna-se necessário apresentar uma síntese das principais definições.

Os agricultores familiares já foram chamados de pequenos produtores, pequenos agricultores, colonos, camponeses, entre tantas outras definições. Para muito estudiosos, o conceito de agricultura familiar engloba todas as definições anteriores. Para outros, no entanto, este conceito é muito amplo, dificultando o seu entendimento.

Lamarche (1996) prefere usar o termo exploração familiar que possibilita uma aproximação entre as diferentes formas conceituais e empíricas da agricultura familiar, definindo-o como uma unidade de produção agrícola onde a propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família (LAMARCHE, 1996). No modelo de análise deste autor, três grandes “tipos-ideais” de agricultores familiares são identificados, a saber: 1) aqueles cuja finalidade essencial não seria a reprodução enquanto unidade de produção, mas a reprodução familiar (modelo familiar); 2) aqueles que estão interessados apenas na sobrevivência da família (modelo de subsistência); e 3) aqueles motivados por um tipo de exploração agrícola organizada com base no trabalho assalariado e/ou orientada para a obtenção de “um ganho máximo” (modelo de empreendimento agrícola).

Muitos dos conceitos e/ou classificações dos agricultores familiares diferem entre si devido ao objetivo para o qual foram elaborados.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para efeito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) considerou como familiares todos os agricultores que contratavam até dois empregados permanentes e detinham área inferior a quatro módulos fiscais.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) considera como familiares todos os agricultores que trabalham dois módulos fiscais e que não contratem mão-de-obra permanente.

Para o Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina (CEPA/SC), agricultura familiar é conceituada como:

Um sistema, constituído por agentes - os produtores rurais e os pescadores artesanais e seus familiares -, que estabelecem entre si e com o meio que os cerca relações com vistas a produzir alimentos, serviços e lazer, obter renda, melhorar a qualidade de vida, zelar pelo meio ambiente e pela paisagem rural, entre outros. (INSTITUTO CEPA/SC, 2002, p. 7).

Em convergência entre os diversos conceitos destaca-se que a agricultura familiar se concretiza quando a maior representatividade da mão de obra é efetivamente familiar.

A formação histórica do Brasil rural apresenta diferenças em relação à de outros países, ao mesmo tempo em que se assemelha com a dos países em desenvolvimento da América Latina. De acordo com Wanderley (1998), vale lembrar as funções específicas assumidas historicamente pelas cidades, a vinculação da agricultura de origem colonial e a possibilidade de disseminação da população pelos territórios, para compreender a especificidade brasileira no que se refere a composição das sociedades locais, as relações campo/cidade e naquilo que se diz respeito ao que é “agricultura” e o que é “rural”. No caso do Brasil, o rural foi historicamente percebido como um:

[...] espaço diferenciado, que corresponde a formas sociais distintas: as grandes propriedades rurais, os pequenos aglomerados e povoados e padrões culturais específicos. Esses espaços, juntamente com as pequenas cidades do interior, tiveram um importante papel na história do povoamento brasileiro, como “pontos de apoio da civilização”. (WANDERLEY, 1999, p.18).

Contextualizando o cenário Brasileiro nos seus primeiros séculos após o descobrimento do Brasil, destaca-se que a exploração da madeira foi inicialmente um grande pilar econômico, durando até aproximadamente 1859. Ainda no contexto histórico econômico é apresentado o que é chamado de o primeiro agronegócio sistemático no Brasil, a fabricação do açúcar.

A atividade econômica esteve débil, praticamente um vácuo que perdurou por décadas, só preenchido efetivamente com o primeiro agronegócio sistemático no país: a fabricação do Açúcar. (SANTO, 2001, p.16).

As demais necessidades eram atendidas a partir de produções concentradas. Somente no século XIX, os hábitos do plantio do agroalimento começam a ocupar um espaço mais relevante na economia e na atividade agrícola.

A partir do início do século XX, as características básicas da nossa economia passariam a sofrer mudanças, a urbanização, o crescimento da classe média e a proletarização da mão de obra, torna-se uma realidade, passa então a ser formada a massa salarial capaz de sustentar uma demanda comercial considerável por alimentos e fibras vegetais, estes fatores conjuntamente contribuíram para o alargamento da base produtiva da agricultura brasileira.

O desenvolvimento da base agrícola começa a ser distribuído pelo País, a busca pelas terras agricultáveis saem do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais e se distribui pelo Brasil. A colonização privada a partir do início dos anos 80 tornava-se uma realidade, contudo apresentava-se junto o avanço desta colonização contudo não dispunham de uma programa

nacional que os tornasse casos de sucesso, daí os descaminhos foram surgindo, onde os pequenos produtores foram impactados pelas ausências de infraestrutura e o confronto com o abandono.

A produção agrícola no modelo tradicional não exige condições especiais para produzir, contudo a produtividade é de baixo rendimento. Considerando o modelo capitalista este modelo é incompatível com os tempos de competição aberta e globalizada, este cenário, a partir do momento em que não é suficiente conseguir produzir bons produtos, sofre fortes mudanças. A agricultura então passa a receber investimentos na pesquisa Agropecuária, instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) passa ser destaque na aplicação científica projetando o Brasil para o cenário científico internacional.

O agronegócio toma proporções internacionais, o mundo volta a sua atenção para este precioso elemento econômico. Santo (2001) define que o conceito de vantagem comparativa é uma referência em matéria de comércio internacional, o livre-comércio não tem forças suficientes para superar a barreira do protecionismo, e somado a todos este contexto o Brasil surge com um grande potencial e precisa tomar aquilo que pode ser chamado de caminho certo, buscar as negociações externas sem equívocos, equilibrando os produtos in natura e industrializados e facilitando internamente as condições para o acesso aos diversos mercados internacionais, o acesso a créditos factíveis e na elaboração de uma política interna setorial agrícola ampla voltada para o apoio do desenvolvimento científico, preservação ambiental, utilização adequado do solo e água, abastecimento alimentar, integração regional e carteira de créditos.

Em linhas gerais, os empreendimentos familiares têm duas características principais: eles são administrados pela própria família; e neles a família trabalha diretamente, com ou sem o auxílio de terceiros, a gestão e o trabalho são predominantemente familiar. Um estabelecimento familiar é, ao mesmo tempo, uma unidade de produção e de consumo.

Para Gasson e Errington (1993) destacam-se seis características básicas que definem a agricultura familiar, sendo: 1. A gestão é feita pelos proprietários; 2. Os responsáveis pelo empreendimento estão ligados entre si por laços de parentesco; 3. O trabalho é fundamentalmente familiar; 4. O capital pertence à família; 5. O patrimônio e os ativos são objeto de transferência intergeracional no interior da família; e 6. Os membros da família vivem na unidade produtiva.

Lamarche (1996) apresenta três temas para determinar o grau de intensidade das lógicas agrícolas familiares: a terra, o trabalho e a reprodução familiar e sua relação com a dependência tecnológica, dependência financeira e a dependência de mercado.

A partir destes temas e das suas relações com as dependências, Lamarche apresenta os modelos teóricos de funcionamento da agricultura familiar no Brasil, conforme quadro 1.

Modelos	Empresa	Empresa Familiar moderna	Agricultura Camponesa ou Subsistência	Agricultura familiar moderna	Total
Brasil	16%	11%	21%	52%	100%

Quadro 1 – Modelos teóricos da agricultura familiar no Brasil.

Fonte: Adaptado de Lamarche (1996, p. 87)

O modelo empresa caracteriza-se por relações de produção pouco (ou não) familiares, grupo pouco ligado à noção de patrimônio familiar, a terra se compra e se vende como unidade de produção, o trabalho familiar permanece bastante presente, mas resume-se ao trabalho do responsável pelo estabelecimento, regularmente utiliza uma força de trabalho externa (assalariamento permanente ou temporário). No modelo empresa Lamarche (1996) define que a dependência se exerce tanto no plano tecnológico, quanto no financeiro ou comercial. Os produtores desse modelo funcionam geralmente em sistema de produção intensivo; eles recorrem constantemente às linhas de créditos financeiras para financiar os investimentos e produzem para o mercado por intermédios de cooperativas ou de firmas privadas. No Brasil a pesquisa de Lamarche aponta para uma prevalência limitada de agricultores familiares nesta característica.

O modelo empresa familiar diferencia-se do modelo empresa pela importância primordial dada a família, a organização do trabalho é definida em torno de uma mão-de-obra familiar, sendo o patrimônio uma noção exclusivamente familiar e o futuro da unidade de produção é pensado em termos de reprodução familiar.

O modelo agricultura camponesa e de subsistência defini-se por uma forte predominância das lógicas familiares e uma fraca dependência em relação ao ambiente externo. Este modelo é composto por famílias que produzem pouco e utilizam técnicas bastante tradicionais, o objetivo primário é satisfazer as necessidades dos familiares.

O modelo agricultura familiar moderna estrutura-se na busca de uma diminuição constante do papel da família nas relações de produção e na busca da maior autonomia possível. Possui um grau pequeno de integração com o mercado, predomina a característica de produção para o auto consumo e com nível equilibrado de cautela quanto a busca de linhas de crédito.

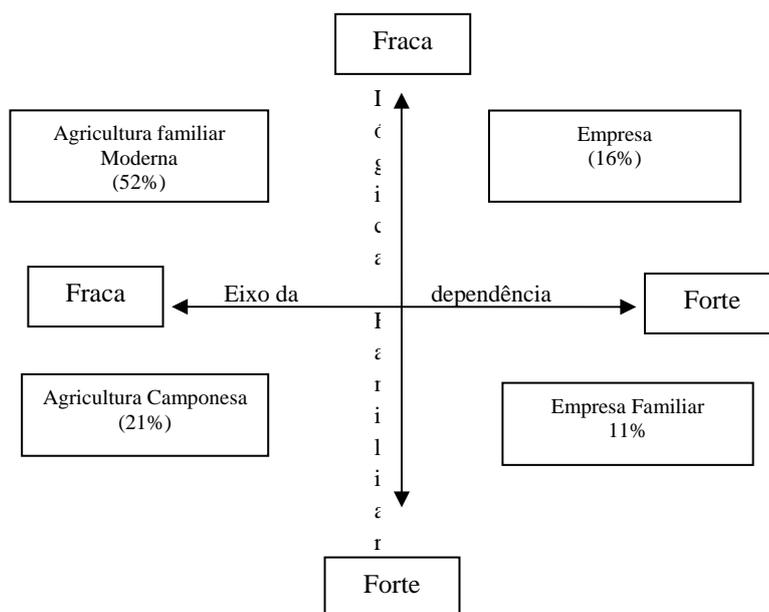


Figura 1 – Modelos da agricultura familiar no Brasil.

Fonte: Adaptado de Lamarche (1996, p. 69).

Conforme Lamarche a agricultura familiar brasileira tem como característica predominante o modelo familiar moderno onde, quer seja pela visão da lógica familiar, quer seja pela noção de patrimônio ou reprodução, permanece preservada a condição familiar, contudo na execução dos serviços não prevalece a presença da família como fator de domínio, dado a busca regular de mão de obra assalariada. A família agrícola moderna apresenta uma intensiva atividade de trabalhos na terra, recorre com moderação ao crédito para investimentos e apresenta moderada relação com o mercado.

3 Agricultura Familiar Americana

Para o conhecimento da agricultura americana e sua participação na economia é necessário o conhecimento das dimensões da indústria e suas inter-relações, ou seja, como a agricultura e o seu processo industrial estão interligados com o sistema econômico global. Agricultura não é uma indústria homogênea. É composta de pequenas explorações agrícolas familiares; grandes organizações empresariais de crédito e de outras contribuições; as empresas de transformação e comercialização; as empresas de transporte de líquidos e obras; grossistas; restaurantes (CRAMER, 1997).

A agricultura ou agronegócio industrial é composto de uma complexa série de empresas. Os Estados Unidos é um dos mais produtivos e eficientes países do mundo. Ao fornecer alimentos e fibra de qualidade a preços razoáveis a todos os consumidores, a

agricultura é vital para a economia dos Estados Unidos. Duas das medidas nacionais importantes de uma indústria são o número de pessoas que emprega e o valor da sua produção.

O contrato de produção envolve a utilização de produção ou de acordos entre os agricultores, transformadores, fazendeiros, comerciantes, ou outras pessoas que estão na primeira fase, antes ou depois da fazenda. Estes acordos especificam o tipo de cultura para produzir, a forma como a cultura deverá ser cultivada e colhida e, talvez o preço a ser pago ao produtor.

A agricultura cooperativa é uma parte integrante da agricultura e da economia de livre comércio das empresas agrícolas. Como uma forma organizativa, eles são uma alternativa ou complemento a um indivíduo, parceiros ou corporação. A cooperativa é definida como uma empresa que esteja organizada, capitalizada, e gerida por seus estatuto e patronos, com estrutura mobiliária e / ou comercialização de bens e serviços para os usuários a preço de custo (CRAMER, 1997).

O agricultor membro vende os seus produtos através de cooperativas ou compra no mercado os seus insumos através de ofertas para as cooperativas. Ao fazer negócios com essas cooperativas que auferi lucro líquido, estes lucros são chamados poupança. Estas poupanças ou clientelismo geram dividendos que são devolvidos aos cooperados. Portanto, em uma cooperativa cuja principal finalidade é a de fazer um "lucro" para o cooperado.

A agricultura está intimamente relacionada com a comercialização com as indústrias que são essenciais para transformar, transportar e transferir a fibra alimentar para o consumidor. Além disso, a agricultura é servida por um grande número de indústrias que fabricam e distribuem bens duráveis e de outros suprimentos agrícolas utilizadas na agricultura.

Conforme Abramovay (1991) os dados levantados por Nikolitch (pesquisador do United States Department of Agriculture) é que até 1969 a agricultura americana era predominantemente familiar, tanto sob o ângulo do número de estabelecimentos, como da perspectiva do volume de vendas assegurado.

A maior parte das explorações agrícolas nos Estados Unidos, conforme Cramer (1997), são classificados como explorações agrícolas familiares.

Em 1992, conforme Cramer (1997) os proprietários individuais ou explorações agrícolas familiares representaram 86% de todas as explorações agrícolas americanas, as parcerias representaram 10% enquanto as corporações 4% e outros menos de 1%.

Considerando que muitas das parcerias e corporações são organizações familiares, cerca de 96% das explorações são realmente explorações agrícolas familiares.

A análise regional da produção agrícola familiar americana conforme Abramovay (1991) aponta concentração na região central dos Estados Unidos, as fazendas familiares são mais numerosas onde se desenvolveu a mecanização dos trabalhos agrícolas, destacando desta forma a essencial utilização da tecnologia para a garantia do volume de produção.

A redução na necessidade do trabalho humano em detrimento da utilização de métodos e mecanismos tecnológicos elevou a produtividade do trabalho das famílias agrícolas americanas.

A tecnologia na agricultura americana gera o surgimento concentrado, em especial no segmento agroalimentar, de oligopólios que controlam a oferta da tecnologia e do processo de comercialização, gerando assim características desfavoráveis para a produção familiar agrícola. Neste contexto a mão de obra agrícola começa a perder espaço e também se soma as variáveis que comprometem a base social do desenvolvimento agrícola familiar americano.

Destaca-se, conforme Cramer (1997), três razões que motivaram as fazendas familiares se organizarem em corporação nos Estados Unidos: 1) custos mais baixo do que outras formas de organização empresarial; 2) vantagens, tais como a segurança social e seguro de desemprego, são dedutíveis para a corporação e 3) uma corporação pode separar gestão de propriedade, que é vantajoso, pois reduz a responsabilidade de ambos (gestor e dos proprietários). Estas medidas passam a ser estratégicas para a manutenção da agricultura familiar.

Segundo Department of Agriculture, National Agricultural Statistics Service (Senso 1997) dos Estados Unidos, as explorações agrícolas familiares permanecem como poderoso símbolo na cultura americana, apesar da diminuição em longo prazo nos seus números.

Abaixo, baseado nos dados do Senso de 1997 é apresentado alguns indicadores sobre a agricultura familiar nos Estados Unidos. O número de explorações caiu drasticamente após o pico de quase 7 milhões em 1935, com a maior parte do declínio que ocorrem durante a década de 1940, 1950 e 1960.

A tendência do número de explorações difere por superfície e classe. O número de explorações com pelo menos 500 hectares aumentaram de forma constante a partir de 1880 através da década de 1960, antes de estabilizar entre 350 mil e 370 mil explorações.

Fazendas com 1 a 49 hectares desceram de seu máximo de 2,7 milhões de hectares em 1935 para cerca de meio milhão em 1974. Após 1974, a contagem dessas explorações tem

variado entre 540 mil e 640 mil. Em contrapartida, o número de explorações entre 50 e 499 hectares diminuiu de 3,9 milhões em 1935 continuamente a cerca de 1 milhão de agricultores em 1997. O nível de vendas de produtos agrícolas é um melhor indicador de dimensão das explorações. A maioria das explorações com mais de 500 acres em 1997, não foram classificadas como grandes explorações agrícolas, definidas pela Comissão Nacional de Pequenas Explorações Agrícolas, como fazendas com vendas de US\$ 250.000 ou mais.

As alterações na contagem das explorações por classe constante de dólares de vendas, a partir de 1982 em diante, são coerentes com as tendências nas contagens por superfície. Só uma classe de vendas cresceu consistentemente ao longo dos 16 anos. A parte de todas as explorações nesse grupo também cresceu de 5 por cento para 8 por cento durante o mesmo período. A maioria das explorações agrícolas no grande grupo teve vendas entre US\$ 250.000,00 e US\$ 499.999,00, mas o número de fazendas com vendas de pelo menos US\$ 500.000,00 cresceu mais rapidamente. O número de explorações em vendas em outras classes diminuiu em cada período inter senso, com exceção das explorações com vendas inferiores a US\$ 10.000,00.

O número de explorações agrícolas diminuiu de 1982 a 1987 e de 1987 a 1992, mas aumentou de 1992 a 1997. Conforme mostrado na imagem 1, a maior parte do aumento de 1992 a 1997 ocorreu entre "pequenas fazendas", ou fazendas com vendas inferiores a US\$ 10 mil que poderiam normalmente ter vendas altas e que satisfaçam os critérios necessários para ser considerada uma fazenda. Devido a esse crescimento, fazendas com vendas inferiores a US\$ 10.000,00 já representam metade de todas as fazendas dos Estados Unidos.

Fazendas com vendas de US\$ 250.000,00 são pequenas empresas em comparação com outras empresas na economia geral. Neste contexto a maioria das explorações agrícolas (98 por cento) são explorações agrícolas familiares. As grandes explorações agrícolas familiares são frequentemente organizadas como empresas familiares, e estes são responsáveis por ações da crescente exploração das vendas, mas o percentual de explorações agrícolas e vendas contabilizadas pelas menores corporações é pequeno e estável desde 1978.

As Fazendas variam amplamente em suas características, que vão, desde muito pequenas, considerada residencial até fazendas para venda em milhões. A tipologia de fazenda desenvolvida pelo USDA Economic Research Service (ERS) categoriza as fazendas em grupos mais homogêneos. A tipologia baseia-se na ocupação dos operadores e as vendas das categorias de explorações. No caso dos pequenos agricultores, a base patrimonial e de renda familiar total, bem como as vendas, são baixas. A tipologia identifica cinco grupos de

pequenas explorações familiares: 1) limitada de recursos agrícolas, 2) fazendas reformadas, 3) fazendas de residência, 4) ocupação para agricultura (baixas vendas agrícolas) e 5) ocupação para agricultura (altas vendas agrícolas). Para atender ao restante das explorações a tipologia identifica dois grupos de maior dimensão de explorações familiares (grandes e muito grandes explorações familiares).

A maioria das explorações agrícolas são pequenas, representam noventa e dois por cento das explorações nos Estados Unidos. As pequenas explorações representam 71 por cento dos ativos envolvidos na agricultura, incluindo 67 por cento das terras pertencentes a agricultores.

As grandes explorações agrícolas familiares representam cerca de 68 por cento da produção. Cerca de dois quintos dos recursos para especialização são direcionados ao atendimento de pequenas fazendas.

Dois grupos (commodity), os grãos e produtos lácteos, representam mais da metade de todas as vendas altas das pequenas fazendas e grandes explorações agrícolas familiares. Muitos pequenos produtores familiares especializam-se em um único produto com altas vendas e com baixa representação de explorações agrícolas, já os grandes produtores agrícolas familiares e muito grandes produtores agrícolas familiares tendem a produzir várias commodities. Estes três grupos (pequenas fazendas agrícolas familiares com alta venda, grandes fazendas agrícolas familiares e as muito grandes fazendas agrícolas familiares) recebem quase três quartos dos pagamentos de commodities previsto pelo programa do Governo Federal.

As pequenas fazendas agrícolas familiares dependem fortemente do rendimento que vem de fora da atividade agrícola. As maiorias das pequenas fazendas agrícolas familiares têm renda familiar positiva, mesmo quando sofrem perdas na agricultura.

A economia é extremamente importante para as famílias que operam as pequenas explorações agrícolas familiares. Porque a pequena fazenda familiar depende da mão de obra agrícola para a maioria dos seus rendimentos, políticas econômicas gerais, tais como a política fiscal ou o desenvolvimento econômico podem ser tão importante para eles como a tradicional "exploração" política.

As pequenas explorações familiares geram e operaram a maior parte da exploração dos ativos, incluindo o solo, água, energia e habitação natural dos recursos associados à utilização agrícola.

4 Metodologia

O estudo em questão, utilizando uma abordagem de caráter exploratório, visou comparar a agricultura familiar brasileira com a agricultura familiar americana, a partir da literatura, do levantamento de dados em uma unidade agrícola familiar brasileira e do senso americano.

Considerando que o estudo tinha o objetivo de responder a problemática de quais as diferenças de características da agricultura familiar no Brasil em relação à agricultura familiar dos Estados Unidos. Após a organização do referencial teórico e das características levantadas através da literatura brasileira e americana, um quadro sintético foi desenvolvido para agrupar os aspectos relevantes que atendem a problematização e trazem uma conclusão para a pesquisa desenvolvida.

A pesquisa quando elege uma unidade familiar agrícola para colher os dados se serve da metodologia do estudo de caso, que segundo Yin (2001):

É o estudo de caso uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas. (YIN, 2001, p. 32).

Considerando ainda este contexto, o estudo de caso é o método de olhar para a realidade social e “[...] não é uma técnica específica, é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado”. (GOOD e HATT, 1979, p. 42)

O levantamento bibliográfico na literatura brasileira e americana para a definição de conceitos sobre a agricultura familiar e sua história e a composição das características relacionadas a agricultura brasileira e americana compõe o estudo com relevante significado devido a impossibilidade da realização de uma visita a uma família agrícola americana, a pesquisa literária procurou cobrir esta lacuna. A impossibilidade da visita a uma família agrícola americana é considerada relevante e fator de limitação da pesquisa. As divergências de características entre a agricultura familiar brasileira e americana não se limitam apenas nos aspectos destacados neste artigo, contudo o seu conteúdo possibilita ser apoio para estudos mais aprofundados no tema em questão.

5 Estudo de Caso.

O sítio visitado e utilizado para o levantamento dos dados está situada na cidade de

Cacoal no Estado de Rondônia. Para a realização da visita foi elaborado um relatório onde o pesquisador durante o processo de entrevista realizou a coleta dos dados obedecendo a seguinte ordem: dados da família produtora, caracterização da propriedade, realidade de produção da área visitada onde reside a família, fonte de renda e variáveis sobre apoio governamental.

A família visitada é composta por 4 membros: Pai, Mãe e dois filhos. A família é de origem do Paraná, compraram a terra quando chegaram a Cacoal e vivem na terra a mais de 15 anos. Participam da associação existente na comunidade onde o sítio está localizado.

A propriedade é composta de 22 hectares sendo 4 hectares área de reserva e 18 hectares de área produtiva. O gráfico 1 abaixo apresenta o cenário total da área e a participação da área produtiva e da área de reserva.

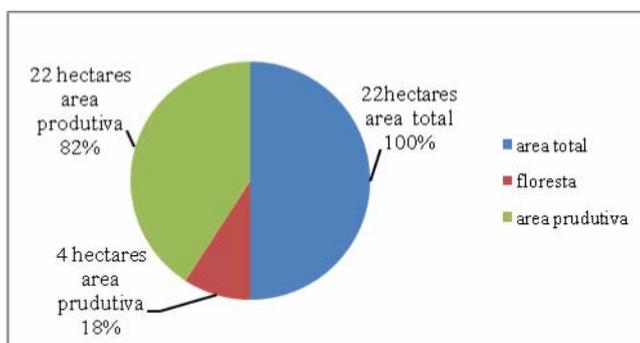


Gráfico 1 – Caracterização da propriedade

Fonte: Elaboração dos autores

O gráfico 2 retrata a composição percentual dos tamanhos de área de terra de cada propriedade na região onde está localizada a unidade familiar fonte do estudo de caso, sendo: 1 fazenda de 600 ha, 10 sítios de 10 ha, 5 sítios de 50 ha, 4 sítios de 36 ha, 3 sítios de 100 ha.

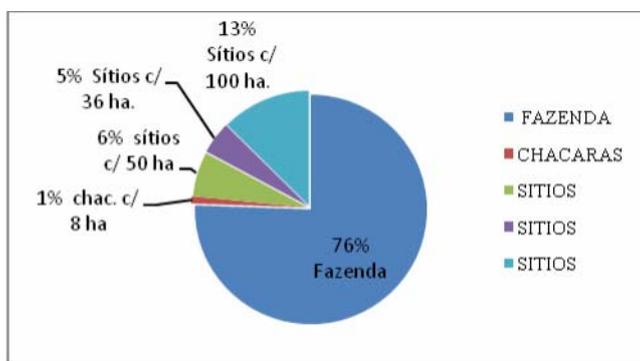


Gráfico 2 – Diferentes tamanhos de sítios, chácaras e fazendas da região.

Fonte: Elaboração dos autores

No gráfico 3 abaixo, considerando o levantamento efetuado quanto a área de terra de cada propriedade e número de famílias presentes nas áreas, apresentamos esta distribuição,

destacando que a maior área oferece a menor média de pessoas, situação inversamente proporcional a condição de extensão de terras.

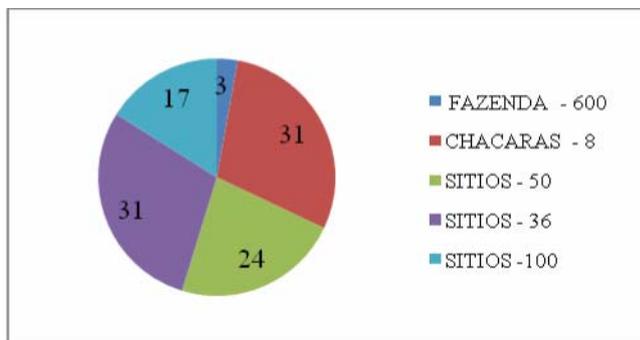


Gráfico 3 – Número de habitantes por área.

Fonte: Elaboração dos autores.

Considerando ainda o numero de moradores por área, o gráfico 4 abaixo apresenta a média de hectares por moradores, aspecto que caracteriza bem o impacto das grandes áreas na geração de moradia familiar.

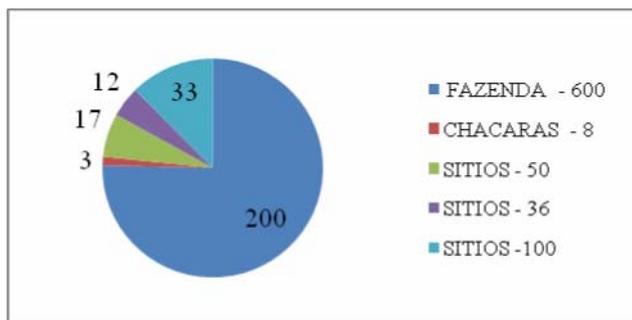


Gráfico 4 – Hectares por habitante.

Fonte: Elaboração dos autores.

A família explora as culturas de café, frutas, peixe e gado. De acordo com o proprietário, o café representa 24% do total da renda gerada no sitio, o leite representa 35%, o peixe 14%, frutas 11% e 16 % serviços externos. O gráfico 5 apresenta a participação das culturas na renda geral do produtor.

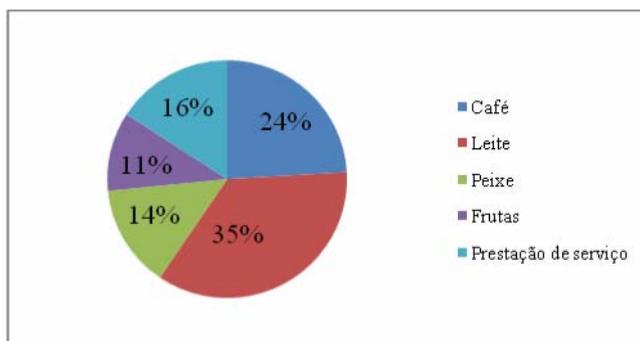


Gráfico 5 – Participação das culturas na renda do produtor.

Fonte: Elaboração dos autores.

Aproximadamente 30% do total da produção, segundo informações do proprietário, são reservados para o consumo e 70% comercializado na cidade de Cacoal com os comerciantes.

Toda a mão-de-obra utilizada no sítio é da família que dispõe para comercializar em forma de serviço com os sítiantes vizinhos.

A família não utiliza implementos agrícolas, segundo o proprietário, nas atividades realizadas no sítio.

A renda mensal conforme o cálculo do proprietário aproxima-se mensalmente do montante de R\$ 1.580,00. Este cálculo está considerando a distribuição dos cultivos anuais em bases mensais (caso do café, por exemplo). Segundo os controles informais do produtor os custos mensais totalizam o montante de R\$ 680,00, o ganho do produtor chega a aproximadamente, R\$ 900,00 mensais, destaca-se que para a geração desta receita tem-se toda a família envolvida nas atividades. O gráfico 6 aponta a escala de participação da renda por cultura.

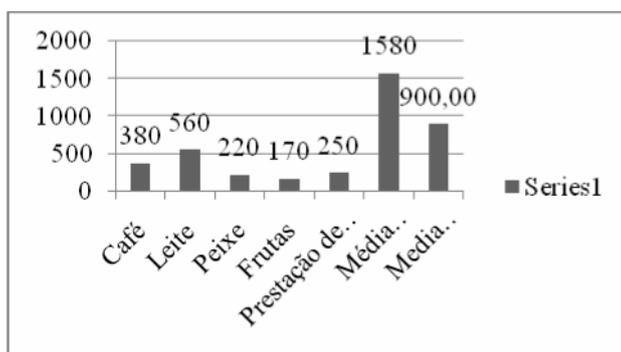


Gráfico 6 – Participação das culturas na renda do produtor.

Fonte: Elaboração dos autores

O produtor informou que jamais teve qualquer apoio governamental, quer seja de programas sociais, quer seja por financiamentos. Demonstrou não ter qualquer interesse para qualquer tipo de apoio governamental.

Quanto a visitas técnicas informou ser raríssimo, nos últimos 5 anos, considerando apenas sua memória, informou ter havido apenas 3 visitas.

As estradas de acesso ao Sítio estão conservadas, apresentam boas condições para escoamento de produtos. Quanto à comercialização dos produtos, negocia com os comerciantes por não ter acesso a condições de realizar o negócio com o consumidor final.

Cooperativa é “uma sociedade de, no mínimo, 20 pessoas físicas, com um interesse em comum, economicamente organizadas de forma democrática, isto é, com a participação livre e

igualitária dos cooperados, aos quais presta serviços, sem fins lucrativos”. (VALADARES, 1996, p. 20). Os produtores da região onde está localizado o sítio visitado estão se preparando para transformar a atual associação em uma cooperativa, a partir da conclusão de uma mini usina de leite que está em construção. O sitiante, fonte da pesquisa, informou que a sua participação na atual associação é limitadíssima, não tem disponibilidade de horário, não enxerga na organização condições de ajudá-lo, porém destaca sua confiança nos agricultores que estão à frente da associação.

6 As Diferenças Identificadas no Cenário Agrícola Familiar Brasileiro e Americano

No quadro abaixo é apresentado de forma sintética as principais características identificadas através da análise da literatura que compõe este estudo e a unidade familiar utilizada como estudo de caso.

CARACTERÍSTICAS	BRASIL	ESTADOS UNIDOS
Área de terra como definição do conceito de agricultura familiar	Limite de até 4 módulos fiscais (80 hectares) (PRONAF).	A quantidade de área de terra explorada não é fator para definição de agricultura familiar (DAA-NASS)
Modelo de funcionamento da agricultura familiar	Agricultura familiar moderna (definição de Lamarche)	Empresa Agrícola (Cramer e Lamarche)
Processo de gestão agrícola	Unidade de gestão isolada com foco no atendimento as necessidades da família (estudo de caso)	Voltado para a geração de receita, com organizações empresariais (Cramer)
Integração com o mercado	Não há nenhuma organização formal para definição de formas de produção, preço e mercado a ser vendido (pesquisa de campo)	Verticalização acentuada, contratos de produção que influenciam o tipo de cultura para produzir, a forma como a cultura deve ser cultivada e colhida, envolve até o preço de venda ao consumidor e o preço a pagar pelo produtor (Cramer)
Participação cooperativista	Organização desestruturada e sem geração de apoio ao associado (Pesquisa de campo)	A cooperativa é uma empresa organizada, com capital e gerida por seus Estatutos e Gestores e com a comercialização de bens e serviços. (Cramer)
Acesso a tecnologia	Na unidade visitada praticamente não há nenhum acesso ou mecanismo tecnológico sendo utilizado (pesquisa de Campo)	Utilizado em grande escala, elevando a produtividade e gerando preocupação quanto a redução da mão de obra familiar (Abramovay)
Renda anual	A família agrícola visitada, segundo seus controles empíricos, gera uma receita bruta anual de US\$ 7.500,00 a US\$ 8.000,00	As pequenas explorações familiares agrícolas representam 92% do Estados Unidos, estas unidades tem receitas médias anuais de até US\$ 250.000,00 (DAA-NASS)
Acesso a recursos para especialização	A família visitada não tem acesso a mecanismos de especialização (pesquisa de campo). Lamarche	Cerca de dois quintos dos recursos para especialização são direcionados ao atendimento as pequenas fazendas.

	destaca que o modelo predominante no Brasil (modelo familiar moderno) recorre com moderação ao crédito para investimentos	(DAA-NASS)
Produção	Diversificada (leite, café, peixe, frutas, prestação serviço). (Pesquisa de Campo)	Os grupos (commodity) grãos e produtos lácteos representam mais da metade de todas as vendas das familiares agrícolas americanas.

Quadro 2 – Comparação entre a agricultura familiar brasileira com a americana.

Fonte: Elaboração dos autores.

7 Conclusões e Sugestões

A unidade agrícola fonte do estudo de caso apresenta as características que podem ser definida como uma unidade de produção familiar. Pode-se fundamentar esta posição nos aspectos apresentados por Abramovay quando define que a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indícios que mantém entre si laços de sangue ou de casamento, estes aspectos são possíveis de serem identificados na família visitada, além dos atributos básicos de gestão, propriedade e trabalho familiar presentes.

A agricultura brasileira apresenta, conforme mostrado por Santo (2001), o descobrimento da tecnologia como alternativa para a evolução da agricultura, o segredo para o desenvolvimento. Contudo o agronegócio toma proporções internacionais e desta forma começa a segregar, pela disponibilidade ao crédito, a presença do pequeno agricultor do processo de acesso a tecnologia, surge então um dos elementos que diferencia a agricultura familiar brasileira e seu desenvolvimento da agricultura familiar americana.

Cramer (1997) apontou que a agricultura familiar americana para busca do desenvolvimento e para a ampliação da sua competitividade utiliza a cooperativa como apoio para a sustentação e o incremento dos negócios, tornando-se este também um aspecto que diferencia o a agricultura familiar brasileira e seu desenvolvimento da agricultura familiar americana.

A verticalização dos produtos, constituindo uma cadeia de produção, como pode ser diagnostica por Cramer (1997), elemento utilizado pela agricultura familiar americana como apoio para garantia de melhores resultados, na agricultura familiar brasileira esta não é uma prática comum nos negócios e este fato diferencia também as agriculturas e o desenvolvimento entre os países do Brasil e Estados Unidos.

Quanto às características informadas por com relação ao cooperado, observa-se que não há uma compreensão da importância da presença do cooperado e da sua participação

igualitária, o levantamento junto ao sitiante aponta uma nítida necessidade de capacitação dos agricultores quanto aos conceitos e vivência/atuação cooperativa.

Ao analisar a unidade produtiva familiar com a revisão bibliográfica sobre o tema proposto, pode-se compreender os elementos que surgem como resposta a problematização, sendo: a validação da ausência de forma cooperativa com fins próprios para geração de condições competitivas mais favoráveis para o produtor familiar, a inexistência de um caminho que possibilite a agricultura familiar agregar valor ao seu produto, a clara distância entre a agricultura familiar brasileira e o acesso a utilização de tecnologia como elemento de melhoria da produtividade e redução de custos e por fim é necessário observar o destaque de Cramer (2007) quanto a clara política de incentivo existente na economia americana para a agricultura familiar, elementos ainda não muito claros e aplicáveis a agricultura brasileira.

O assunto como continuidade e aprofundamento do pesquisador envolverá como etapas seguintes o levantamento de dados específicos de uma unidade familiar americana, características sociais, econômicas e regionais que envolvem a unidade agrícola familiar americana e brasileira e a ampliação da revisão de literatura sobre agricultura familiar.

Referência

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural – **Cadernos de Ciência & Tecnologia**. Vol. 15, nº 1, jan/abr.

ABRAMOVAY, R. e VEIGA, J. E. **Novas instituições para o desenvolvimento o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Convênio FIPE/IPEA 07/97. Brasília: IPEA, 1999. (Texto para Discussão)

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. Unicamp, 1991.

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma Agrária. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**. vol. 28, nº 1,2 3 e 29, nº1, Jan/dez 1998, jan/ago 1999.

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em Perspectiva**. Abr/jun, vol. 11, nº2:73-78, 1997.

CEPA/SC - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola de Santa Carina. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**, 1998.

CHEVITARESE, Leonardo André (org.). **O Campesinato na História**. Relume Dumará, 2002.

CRAMER, Gail L.; JENSEN, Clarence W.; SOUTHGATE, Douglas D. Jr. **Agricultura, Economia e Agribusiness**, Serveh Edition, 1997.

E.U.A DEPARTMENT OF AGRICULTURE, National Agricultural Statistics Service. **1997 Censo de Agricultura 1997**, vol. 1, Área Geográfica Série, Parte 51, Estados Unidos e membro Síntese Dados. AC97-A-51. Março de 1999.

E.U.A DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA, da Comissão Nacional de pequenas explorações. **A hora de agir: Um relatório do USDA comissão nacional de pequenas explorações**. Miscellaneous Publication 1545 (MP-1545). Jan. 1998.

GASSON, Ruth; ERRINGTON, Andrew. **The farm family business**. Wallingford, Cab International, 1993.

GOODE, Willian J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). **Agricultura familiar: do mito a realidade**. Vol. 2. Unicamp, 1998.

KALNIN, Joanir Luís. **Desenvolvimento Local/Regional focado na agroindústria familiar: experiências em Santa Catarina** – Dissertação de Doutorado – 2004.

SANTO, Benedito Rosa do Espírito. **Os caminhos da agricultura brasileira**. São Paulo: Evoluir, 2001.

STAKE, Robert. E. Cases Studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.) **Handbook of qualitative research**. United States of America: Sage, 1994. p. 236-247.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Método**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

WANDERLEY, Maria N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro: processos sociais agrários**. Caxambu: XX Encontro Anual da ANPOCS, 1996.

VALADARES, J. H. Democracia e Participação na cooperativa agropecuária. In: XX Encontro Nacional da ANPAD, 1996, Angra dos Reis. **Anais do XX Encontro Nacional da ANPAD**, vol. 1, 1996. p. 20-36.